

Meditações: Terça-feira da 3ª semana do Advento

Reflexão para meditar na terça-feira da terceira semana do Advento. Os temas propostos são: a humildade e o orgulho; o amor manifesta-se em obras concretas; a parábola dos dois filhos.

– A humildade e o orgulho

– O amor manifesta-se em obras concretas

– A parábola dos dois filhos

DAQUI A POUCOS DIAS, estaremos de joelhos diante do Menino na gruta de Belém. Ali, olharemos com assombro a grandeza do amor de Deus em um bebê recém-nascido. A Encarnação ensina-nos o caminho para sermos grandes, que nada mais é do que tornarmo-nos pequenos. São Paulo exprime bem a humildade daquele Filho que, sendo Deus, “despojou-se, assumindo a forma de escravo” e “humilhou-se, fazendo-se obediente até a morte” (Fl 2,7-8). Esse é o segredo que o nosso Salvador nos ensina em cada Natal. O Verbo feito carne mostra-nos que o Senhor do universo triunfa na humildade. Precisamente por este rebaixamento “Deus o exaltou acima de tudo e lhe deu o Nome que está acima de todo nome, para que, ao Nome de Jesus, todo joelho se dobre” (Fl 2,9-10).

Na primeira leitura, encontramos uma veemente exortação do profeta Sofonias à conversão. Acusa

Jerusalém de orgulho e rebelião porque “não prestou ouvidos ao apelo, não aceitou a correção; não teve confiança no Senhor, nem se aproximou de seu Deus” (Sf. 3,2). Pelo contrário – afirma no seu oráculo – o povo alardeava a sua arrogância e vangloriava-se no monte santo (cf. Sf 3,11). Esta mesma tentação continua presente quando “O soberbo tenta inutilmente destronar Deus – que é misericordioso para com todas as criaturas –, a fim de se instalar ele no sólio divino”[1].

Para comunicar o Seu amor paternal, Deus espera que o homem se reconheça livremente como uma criatura necessitada. O pedido que fazemos na oração sobre as oferendas da Missa de hoje agrada muito ao Senhor: “Olhai benignamente, Senhor, para as nossas humildes ofertas e orações e, como diante de Vós não temos

méritos, ajudai-nos com a vossa misericórdia”[2]. Devemos pedir com frequência ao Senhor que nos afaste da tentação do orgulho, porque “se consegue atenuar alguém com as suas múltiplas alucinações, – dizia São Josemaria – a pessoa atacada veste-se de aparência, enche-se de vazio, empertiga-se como o sapo da fábula, que inchava o bucho, presunçosamente, até que explodiu”[3]. Como é diferente a atitude de Deus que, ao vir à terra, torna-Se uma criança frágil, necessitada de toda a ajuda, incapaz de Se impor com violência aos outros, para tornar agradável o caminho de todos até ao presépio.

“MINHA ALMA se gloria no Senhor; que ouçam os humildes e se alegrem! Glorificai comigo ao Senhor, juntos exaltemos o seu nome” (Sl 34,3-4). A

humildade “ajuda-nos a conhecer, simultaneamente, a nossa miséria e a nossa grandeza”[4]. São Josemaria se referia à humildade como o endeusamento bom da criatura que conhece o amor que Deus colocou nela. O seu principal inimigo é o endeusamento mau, fruto do orgulho: procurar a própria glória, em vez de se gloriar no Senhor.

O coração que sabe que é abençoado com tantas graças do céu procura responder com generosidade ao Senhor, porque “amor com amor se paga”[5]. Não é possível amar em geral, nem é amor o que fica só em boas intenções. O amor manifesta-se em atos concretos que revelam algo do que acontece no coração de quem ama. Um amor que não deixa a sua marca em pormenores, nas expressões de afeto pode apagar-se pouco a pouco ou permanecer pequeno, sem experimentar a verdadeira alegria. “No entardecer

da vida seremos examinados pelo amor”, dizia São João da Cruz, porque o amor torna autêntico o valor das nossas obras.

Podemos dizer que o amor tem duas características fundamentais: tende a dar, mais do que a receber; e procura manifestar-se mais em ações do que em palavras. “Quando dizemos que está mais em dar do que em receber , é porque o amor é sempre contagioso, sempre, e é recebido pelo amado”[6]. E “quando dizemos que está mais nas obras do que nas palavras” é porque “o amor sempre dá vida, faz crescer”[7]. Um bom termômetro para conhecer o nosso amor a Deus seria perguntar-nos como servimos e procuramos fazer felizes os que nos são próximos, “Porque aquele que não ama seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,20). O amor a Deus e o amor ao próximo são inseparáveis, são como a cara e a

coroa de uma moeda. “Não há caminho mais seguro para chegar a Deus do que o amor ao próximo”[8], afirmou Santo Agostinho, porque “o amor ao próximo é como o ninho do amor de Deus”[9], é o lugar em que este cresce.

NO EVANGELHO DE HOJE, Nosso Senhor conta-nos a história de dois filhos (Mt 21, 28-32). O pai pede-lhes que trabalhem na vinha da família e os irmãos têm reações muito diferentes. O primeiro responde com rebeldia e falta de respeito: “Não quero”. O segundo, aparentemente mais obediente, diz que sim. Passado o primeiro arrebatamento, o filho do não reconsidera, arrepende-se e vai trabalhar na vinha. O filho do sim, por outro lado, não vai ao seu trabalho. O primeiro, conclui Jesus, cai por fraqueza, mas, animado pela

fé, levanta-se e obedece ao pai. Por outro lado, o segundo não é fiel à sua promessa e representa os chefes do povo que honram a Deus “com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim” (Is 29,13; Mt 15,8).

Jesus, nesta parábola, também fala ao nosso coração. Certamente encontramos algo do comportamento de cada um desses filhos na nossa vida. Muitas vezes as nossas disposições são excelentes, mas por fraqueza não conseguimos realizar os nossos bons desejos. E muitas vezes acontece-nos o contrário: depois de uma primeira reação rebelde, corrigimo-nos e, com a ajuda da graça, abraçamos com amor a vontade de Deus. As duas atitudes geralmente estão presentes na nossa luta interior e devemos conhecê-las de perto para saber como reagir em todos os momentos. Poderíamos imaginar também a existência de um terceiro filho: aquele que diz “sim, eu

vou” e com as suas obras ratifica sempre as suas palavras. Este filho – fiel em todas as ocasiões – é, na realidade, Jesus Cristo, que nos convida a entrar no Seu movimento de amor ao Pai.

Hoje podemos dizer a Deus, na nossa oração: como eu gostaria de ser um filho como Jesus! Um filho que responde sim! E quando não o somos, então é o momento de dizer ao Senhor que tenha paciência conosco. Cair no desânimo seria uma manifestação de orgulho, faria compreender que estávamos colocando a nossa esperança em nós mesmos e não em Deus. Diante do conhecimento da própria fraqueza, São Josemaria suplicava com simplicidade: “Senhor, Tu que curaste tantas almas, faz com que, ao ter-te no meu peito ou ao contemplar-te no Sacrário, te reconheça como Médico divino”[10]. Este humilde pedido nos dará paz e,

segurando a mão da nossa Mãe, nos levantaremos mais uma vez com esperança.

[1] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 100.

[2] Oração sobre as oferendas, terça-feira da 3ª semana do Advento.

[3] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 100.

[4] *Ib.*, N. 94.

[5] Ditado popular.

[6] Francisco, Homilia, 27 de junho de 2014.

[7] *Ib.*

[8] Santo Agostinho, *Sobre os costumes da Igreja Católica*, 1, 26, 48.

[9] Santo Agostinho, *Ib.*, 1, 26, 5.

[10] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 93

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/meditation/
meditacoes-3f-3-semana-advento/](https://opusdei.org/pt-br/meditation/meditacoes-3f-3-semana-advento/)
(09/03/2026)